

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PSICOLOGIA**

JULIANA DA SILVA SALLES

**UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE A PERMANÊNCIA DE
MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

ATIBAIA, SP

2022

JULIANA DA SILVA SALLES

**UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE A PERMANÊNCIA DE
MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAAT, sob orientação da Prof. Ms. Marcela Cavallari Augusto.

ATIBAIA, SP

2022

Salles, Juliana da Silva

S164u Uma perspectiva psicanalítica sobre a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. / Juliana da Silva Salles, - 2022.
22 f.; 30 cm.

Orientação: Marcela Cavallari Augusto

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário UNIFAAT, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia do Centro Universitário UNIFAAT, Atibaia, 2022.

1. Objeto de amor 2. Subjetividade 3. Dominação masculina 4. Violência I
Salles, Juliana da Silva II. Augusto, Marcella Cavallari III Título

CDD 155.333

Ficha elaborada por Valéria Matias da Silva Rueda - CRB8 9269

FOLHA DE APROVAÇÃO**CURSO DE PSICOLOGIA****Termo de aprovação****JULIANA DA SILVA SALLES**

Título: “UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS”.

Trabalho apresentado ao Curso de graduação em Psicologia, para apreciação da professora orientadora Marcela Cavallari Augusto, que após sua análise considerou o Trabalho aprovado, com Conceito 10,00.

Atibaia, SP, 08 de dezembro de 2022.

Marcela Cavallari
Profª. Marcela Cavallari Augusto

RESUMO

O presente estudo buscou investigar as escolhas do objeto de amor na abordagem freudiana, observando a relação com a construção histórica e sociocultural que a partir das normas sociais influenciam a identidade subjetiva e os modos de estabelecer vínculos. Além disso, esse trabalho buscou analisar o ciclo da violência doméstica, bem como, a dominação masculina. Através dessa análise se buscará compreender as causas que determinam com que algumas mulheres permaneçam em relações conjugais nas quais vivenciam a violência. Realizadas pesquisas bibliográficas que apontaram para o reconhecimento de que, a construção histórica e sociocultural da violência, a partir de uma sociedade patriarcal, pautada no predomínio do poder masculino e subjugação feminina podem ser fatores predisponentes de lembranças, dificuldades e traumas que produzem efeitos na construção da identidade subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto de Amor, Subjetividade, Dominação Masculina, Violência.

SUMMARY

The present study sought to investigate the choices of the object of love in the Freudian approach, observing the relationship with the historical and sociocultural construction that, from the social norms, influence the subjective identity and the ways of establishing bonds. In addition, this work sought to analyze the cycle of domestic violence, as well as male domination. Through this analysis, we will seek to understand the causes that determine why some women remain in marital relationships in which they experience violence. Bibliographic research was carried out that pointed to the recognition that the historical and sociocultural construction of violence, from a patriarchal society, based on the predominance of male power and female subjugation can be predisposing factors of memories, difficulties and traumas that produce effects in the construction of subjective identity.

KEY WORDS: Object of Love, Subjectivity, Male Domination, Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
METODOLOGIA.....	10
1.0 ARTICULAÇÃO DOS CONCEITOS DE AMOR, PULSÃO, SEXUALIDADE E DESEJO.....	11
2.0 A INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL NA SUBJETIVIDADE FEMININA.....	12
3.0 O CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	15
DISCUSSÃO.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

Para dar início ao estudo, sob uma perspectiva psicanalítica, da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos precisa-se entender as possibilidades de escolha do objeto de amor dentro da teoria abordada. De acordo com Freud, existem duas possibilidades para o objeto de amor ser escolhido, a primeira constitui-se a partir das primeiras satisfações sexuais do ser humano, isto é, o amor é por quem o cuida e coloca-se à disposição de suas satisfações, isso ocorre dos dois aos cinco anos, bem como na puberdade até a vida adulta. A segunda é a narcísica, trata-se da relação entre as pulsões sexuais e as satisfações orgânicas do indivíduo (ALVES; CASTELO, 2016). Dessa forma, a partir das pulsões e os caminhos da libido o sujeito vai em busca de uma parceria amorosa.

Freud apresenta a ideia de um amor originário como um amor-próprio, narcísico que a posteriori é dirigido aos objetos. O narcisismo é uma fase normal do desenvolvimento psíquico, fundamental para a constituição do eu e do lugar do outro em nossas vidas. Por conseguinte, a escolha narcisista pode estar relacionada com o que ela própria é, o que ela própria foi, ou o que ela própria gostaria de ser e com o que foi uma vez parte dela mesma. Assim, a necessidade não está em amar e sim em ser amada, portanto, se não for amada, não adianta ter o que compartilhar. Goethe (2000, p.112) diz: “Ah, ninguém me poderá dar o amor, a alegria, o calor e o prazer, se tudo isso não estiver dentro de mim mesmo, e com um coração repleto de felicidade não poderei fazer feliz a outrem, se ele permanecer frio e sem forças diante de mim”.

Apesar das acusações de Freud ter sido biologicista e binarista em muitos momentos de sua obra, as contribuições feitas por ele em torno do papel da sexualidade e da escolha amorosa no psiquismo são inquestionáveis:

Ciente de que sua doutrina, não obstante afastada das lutas feministas, participava amplamente da emancipação das mulheres, Freud via-se como um homem do passado, não tendo ele mesmo desfrutado da revolução sexual que impusera à sociedade ocidental. De certa forma, o século XX era mais freudiano do que Freud (ROUDINESCO, 2016 p. 347).

Desde o início da psicanálise, Freud implica-se a delimitar os seus conceitos à medida em que trabalha o sentido do sintoma juntamente com seus pacientes. A retomada lacaniana do campo da linguagem é perpassada pela clínica analítica e pelo amor: “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 89). A priori, as pessoas chegavam à clínica para falar dos desencontros amorosos da vida adulta e associavam essa impossibilidade ao amor objetal infantil, demandas estas que Freud agrupou sob a

sexualidade. Portanto, os episódios da vida infantil são essenciais pelo fato de estarem diretamente relacionados com os motivos mais intensos para as predisposições das vicissitudes posteriores ou das futuras neuroses.

Sob uma perspectiva psicanalítica, Freud (1892/1987, p.174) afirma que se transforma em “trauma psíquico toda a impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio de pensamento associativo ou da reação motora”. O trauma se caracteriza, então, como uma dor impossível de ser representada psiquicamente e que provoca, portanto, um importante impacto no processo de subjetivação, bem como, a naturalização da violência vivenciada na infância, vista como uma forma usual de educação, o que pode refletir-se na forma de se relacionarem também na vida adulta.

Este estudo procurou investigar os processos psíquicos que constituem os relacionamentos abusivos buscando realizar uma análise acerca da construção histórica e sociocultural sob a perspectiva da psicanálise freudiana. Abordou-se o predomínio do poder masculino e subjugação feminina que é resultado de uma sociedade patriarcal, apresentando algumas elaborações freudianas acerca do conceito de identificação subjetiva para compreender o processo de constituição do sujeito numa perspectiva em que elementos socioculturais influenciam a subjetividade em relação a escolha dos objetos de amor. De acordo com Guimarães & Celes (2007, p.344):

O investimento libidinal em objetos indica a relação do sujeito com o outro, que em um primeiro momento pode ser compreendido como uma realidade externa, ou seja, o enfrentamento que o sujeito realiza em busca de socialização dá-se com os objetos que existem fora do corpo pulsional.

Ao longo dessa pesquisa a autora apresenta compreensões sobre o modo como as relações são determinantes para a satisfação de suas pulsões. Além dos impactos que uma construção histórica e sociocultural patriarcal exercem na subjetividade da mulher. Este trabalho justifica-se relevante, pois propõe uma análise que perpassa os pré-julgamentos e estigmas diante das mulheres em situação de violência. Ressaltando a importância de compreender que parte da vulnerabilidade das mulheres também está vinculada às histórias de vida pessoais pregressas ao relacionamento, o que agrava o sofrimento e fragilidade emocional.

METODOLOGIA

O presente estudo qualifica-se como uma pesquisa em psicanálise, “como instrumentos para a investigação e compreensão de variados fenômenos sociais e subjetivos” (Figueiredo e Minerbo, 2006, p. 259). Freud postulava que cada passo da investigação deveria ser tomado como se fosse o primeiro, já que os conteúdos tratados não podem ser aplicados a partir do saber acumulado do analista, como se fosse uma fórmula. Ou seja, as particularidades e singularidades de cada caso, bem como, os conteúdos que neles serão investigados, deverão ser tratadas de forma única, visto que, a pesquisa tem como aspecto central a articulação com manifestações do inconsciente. (ELIA, 2000).

A metodologia utilizada para elaboração desse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, por meio de consulta de livros, bem como, por estudos publicados em obras aqui referenciadas, realizada através de uma revisão bibliográfica e fragmentos revisados de artigos publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO); Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), tendo como base os avanços teóricos de Freud e Lacan, os quais destacam as principais linhas que situam o entendimento dos conceitos fundamentados na psicanálise para compreensão da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos.

1 ARTICULAÇÃO DOS CONCEITOS DE AMOR, PULSÃO, SEXUALIDADE E DESEJO

Para abordagem desses conceitos apresentaremos como a psicanálise se posicionou frente a dinâmica do amor a partir do conceito de realidade psíquica e da teoria do inconsciente freudiana, sob uma perspectiva de leitura do objeto amoroso enquanto destituída de valor natural e instintual, para a psicanálise o amor não é o único componente da expressão sexual do indivíduo, isto é, o amor não é suficiente para expressar tudo o que se passa no campo sexual, o ódio e a violência também fazem parte dessa dimensão associada à sexualidade. Entretanto, é de grande importância entender que o amor e o ódio não são duas superfícies distintas que estão dissociadas. “A história das origens e relações do amor nos permite compreender como é que o amor com tanta frequência se manifesta como ‘ambivalente’, isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto” (FREUD, 1915b/1996, p. 144). As pulsões do amor são difíceis de educar; sua educação ora consegue de mais, ora de menos. O que a civilização pretende fazer deles parece inatingível, a não ser à custa de uma ponderável perda de prazer: a persistência dos impulsos que não puderam ser utilizados pode ser percebida na atividade sexual, sob a forma de não satisfação (FREUD, 1912/1996, p. 195).

Freud (1918/1996) conceitua a sujeição sexual, que descreve o fenômeno de uma pessoa adquirir um grau de dependência em relação à outra pessoa com quem mantém um relacionamento sexual. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, sendo contaminado pela sua feminilidade, e então, se mostrar propriamente incapaz. Pode-se dizer que a sexualidade imatura da mulher se descarrega no homem, que primeiro lhe faz conhecer o ato sexual. Sobretudo, o sexual seria tudo aquilo com que o corpo se envolve para obter prazer, especialmente com as partes sexuais do outro sexo e que, tem como objetivo a união dos genitais e executar o ato sexual.

Considerando a importância do objeto da pulsão e da satisfação pulsional na constituição da subjetividade pode-se dizer que através da identificação “forma original de laço emocional com um objeto” (Freud, 1921/1976, p. 135), a relação com o outro efetiva-se em busca de individuação e de socialização. Apresenta-se “como sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal” (Ibidem, p. 135) mediante a introjeção do objeto no ego, bem como, pode “surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto da pulsão sexual” (Ibidem, p. 136).

Freud (1915/1988) vai afirmar que a pulsão é uma força sedenta de satisfação, que não é necessariamente direta. A pulsão sexual estaria atrelada ao trabalho de inscrição de traços

psíquicos, pois provocava uma “exigência de trabalho” ao psiquismo. Contrastando com o discurso vigente à época sobre a psicopatologia sexual, Freud vai afirmar que a sexualidade infantil, na sua polimorfia-perversa, refletiria a disposição subjetiva em relação ao desejo sexual. No entanto, critica a generalização e a importância dada à degeneração como fator explicativo para a patologia mental. A integração das pulsões pela genitalidade se constituiria como um ponto de chegada dessa normatividade sexual engendrada na infância.

“A concepção de que todas essas perversões seriam sinais de degeneração, demonstram que essas aberrações da meta sexual, esses afrouxamentos da relação com o objeto sexual, ocorreram desde sempre, em todas as épocas por nós conhecidas e entre todos os povos, tanto primitivos quanto altamente civilizados, e que, ocasionalmente, conquistaram a tolerância e vigência geral”. (BLOCH, 1872-1922)

A investigação psicanalítica de neuróticos pode influenciar a nossa concepção das perversões sexuais. Em relação a neurose como negativo de perversão, isto é, o sintoma substituiria uma disposição à satisfação irrefreável da pulsão sexual, a qual está submetida a análise da persistência no adulto dessa disposição perversa infantil. Com efeito, o termo “perversão”, traz a ideia de transgressão sexual do alvo e dos objetos, por conseguinte, sai do registro psicopatológico e se inscreve na dinâmica psíquica montada para satisfazer o instinto pulsional de satisfação. Dessa forma, as perversões seriam emblemáticas da “onipotência do amor” (FREUD, 1905/1988, p.153). Sobretudo, o indivíduo seria marcado pela experiência autoerótica, podendo suceder uma parcialização das pulsões, na qual a pulsão seria independente do seu objeto, dirigindo-se as experiências de satisfação sexual, sempre incompletas.

2 A INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL NA SUBJETIVIDADE FEMININA

Para compreender a construção histórica e sociocultural, Zweig (2016, p.20) ressalta “sobre as condições às quais as mulheres estavam submetidas na sociedade e mantiveram sua educação modelada para papéis sociais restritos ao âmbito familiar”. Assim, a construção histórica e sociocultural da violência, em uma sociedade patriarcal, pautada no domínio do poder masculino e subjugação feminina, o narcisismo e a castração, assim como o princípio freudiano da não-diferença entre a psicologia social e a individual, na medida em que o individual é simultaneamente o social são, portanto, elementos-chave para a reflexão sobre o par de opostos tolerância/intolerância, tanto no plano individual quanto no coletivo (FREUD, 1921/1980). A partir dessas concepções, a violência intrafamiliar, simbólica que determinam por múltiplos fatores psicossociais, tais como patriarcalismo, machismo, dominação masculina

e horror à castração, dentre outros (FREUD, 1980; MENEGHEL ET AL., 2000; IZUMINO, 2005; BOURDIEU, 2009).

Freud (1912/1996) discute sobre como o comportamento amoroso dos homens, o qual está marcado pela impotência psíquica, que acontece quando a corrente afetiva e a sensual no amor são combinadas. Compara, também, a condição de proibição na vida erótica das mulheres à necessidade dos homens em depreciar seu objeto sexual. Nesse sentido, a psicanálise revelou que quando um objeto original desejoso é perdido pela repressão, ele se representa por outros vários objetos substitutos, mas nenhum deles proporciona satisfação completa, isto é, a não satisfação é consequência de peculiaridades que a pulsão sexual adotou sob uma pressão da cultura.

De acordo com Mello Filho (1988), cultura é o “resultado final das atitudes, ideias e condutas compartilhadas e transmitidas pelos membros de uma determinada sociedade, juntamente com os resultados materiais dessa cultura” (p. 184). Podemos pensar que as transformações da subjetividade e da relação da mulher com seu corpo ao longo da história, levando em consideração a cumplicidade inconsciente de mulheres, a qual faz com que se posicionem no âmbito social segundo critérios e padrões do discurso dominante. Sobretudo, as concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, pois, no período patriarcal, a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era intensamente submetida ao poder masculino.

De acordo com Rolnik (1997) “a subjetividade é o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar etc. – que delimita o interior e o exterior do ser humano” (p.19). Dessa forma, a subjetividade é resultado da interação do indivíduo com as influências socioculturais, sendo modelada de acordo com os comportamentos, com os valores e com os sistemas econômicos e políticos de cada sociedade. Ser mulher e ser homem, em nossa sociedade, representam, os primeiros significantes que indicam o pertencimento “a um de dois grupos identitários carregados de significações imaginárias” (KEHL, 2008, p. 27). Pertencer a um desses grupos significa adequar-se aos padrões e ideais que são socialmente destinados e exigidos a cada um dos sexos. Entretanto, este processo de adequação não se dá sem que seja necessário o sacrifício de algumas possibilidades de satisfação da pulsão.

O desenvolvimento da civilização pode ser compreendido como um processo peculiar experimentado pela humanidade, caracterizado pelas modificações que ele ocasiona nas

habituais disposições pulsionais dos seres humanos, resultando numa certa economia da libido, que para Freud constituiria a “tarefa econômica de nossas vidas” (Freud, 1996a, p.103). Em geral, como afirma Freud (1987, p.16), a civilização “tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa”. Nesse sentido, a base que funda a civilização está em renunciar a satisfação pulsional, portanto, uma constante repressão das pulsões, ou seja, ao comportamento que foge às normas. A partir do depoimento de Louise Bourgeois escultora franco americana:

Muito, muito antes – quero dizer muito tempo atrás -, quando chegava uma bebê menina, não era considerado útil em certas circunstâncias. E eu perguntava silenciosamente: ‘Você gosta de mim? Você me aprova, apesar de eu ser menina?’. Durante anos essas preocupações me incomodaram. Fazer um diário me ajudou a resolver algumas dessas questões, finalmente (BOURGEOIS, 2000, p.304-306).

Pontua-se, a partir do que foi apresentado acima, o fato de não ser desejada pelo pai, em seu nascimento, até mesmo posteriormente, por ter nascido biologicamente do sexo feminino, os efeitos da dominação masculina e do poder do desejo do outro a representação do desejo do outro, que pode ocasionar o sentimento de rejeição, devido a essa condição, isto é, uma experiência de violência simbólica, sofrida e percebida a qual revela a impossibilidade de existência em um sexo feminino.

Na perspectiva freudiana, a internalização do superego constitui um processo decisivo na constituição psíquica da criança e o mecanismo responsável por esse acontecimento denomina-se identificação, a qual representa a introjeção dos primeiros objetos da pulsão sexual: os pais. Dessa forma, o sujeito se constitui e modifica-se pela assimilação de traços ou atributos das pessoas com as quais se relaciona. Freud (1933/1976) compara a identificação com a incorporação oral de um outro sujeito, compreende que o sentido da experiência interior construída pelo sujeito é determinado por suas relações.

Freud com os mitos de Édipo e do complexo de castração trouxe uma perspectiva sobre "os começos", "a origem", sendo fundamentalmente por meio de tais complexos que ele responde à indagação "quem sou eu?", que se desdobra em "sou homem ou sou mulher?" Levando em consideração a questão do “ter ou não ter o pênis”. Lacan (1999 [1957-58]) afirma que o falo, na antiguidade grega, não era idêntico ao órgão, seja em termos de acessório do corpo, prolongamento ou em seu estado de funcionamento - sendo seu uso mais predominante no sentido de simulacro, uma insígnia. Segundo este autor, o falo como representante do desejo, isto é, a falta fálica é o princípio dinâmico de toda libido, a partir do medo de perder o falo, mas

também a vontade de o ter. Por conseguinte, o objeto de desejo passa a existir a partir dessa formulação.

Nesse sentido a busca pelo próprio desejo advém da falta com que o sujeito castrado se depara no complexo de castração. Entretanto, isso não atesta que a via para se alcançar o objeto seja colocar-se no lugar de objeto para o outro. A via dos próprios objetos acaba se perdendo por se acreditar que esse outro é a fonte para se chegar à causação do próprio desejo. Com isso, a ideia de apropriação na relação acaba por se deparar com a perda de um sujeito e, ao que tudo indica, que se esconde por trás do desejo do outro. Considerando que satisfazer o olhar do outro expressa o desejo pelo fato de ter sua própria vontade a ser satisfeita, portanto, necessita da atração do outro, o que contribui para a confirmação da sua subjetividade, do seu modo de existência e da sua individualidade como características peculiares da sua personalidade.

3 O CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No Brasil, a violência contra a mulher, se apresenta com alta prevalência e, portanto, esta problemática institui-se como prioridade a ser enfrentada pela saúde pública e pelos direitos humanos (MOURA ET AL., 2011). Existem 5 tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher previstas na Lei Maria da Penha de acordo com o Capítulo II do Art. 7, incisos I, II, III, IV e V: física, isto é, conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, moral, sexual e conjugal; psicológica, a qual é considerada como qualquer conduta que cause danos emocionais e diminuição da autoestima da mulher, bem como, controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões; sexual, qualquer conduta que submeta a mulher a presenciar, manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso de força; conjugal, está relacionada a condutas de retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos aspirando satisfazer as necessidades do agressor e a violência moral, qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

A questão central tornou-se primeiramente tentar entender por que a mulher permanece por anos na relação violenta. Segundo Walker (1979) “chama de síndrome da mulher agredida, e tem como sintomas a baixa autoestima, o medo, a depressão, a culpa e a passividade, referente a uma patologia desenvolvida como efeito das situações traumáticas”. A partir de uma pesquisa que ouviu 1500 mulheres em situação de violência doméstica, foi notório

que tal violência apresentava um padrão, o qual foi chamado de “Ciclo da Violência” (WALKER, 1979).

De acordo com esse modelo, a violência em relações afetivas e íntimas apresenta três fases: a acumulação da tensão, a explosão, ou seja, ato de violência e a lua de mel, isto é, arrependimento. Ressalta-se que normalmente, diante de uma ameaça, a reação de um indivíduo deveria ser a evitação, contudo, no contexto conjugal observa-se a repetição cíclica de ocorrências de violência contra a mulher. Conforme Hirigoyen (2006 apud GOMES & FERNANDES, 2018), “ocasionalmente, diferentes situações impedem que as mulheres encontrem alternativas para sair de seus relacionamentos violentos”. A violência se inicia com micro violências, que podem ser morais e verbais e, em seguida, evoluem para agressões físicas, de forma que a violência tende a ser naturalizada.

Nesse contexto, o invisível da dor e do sofrimento decorrentes da violência, impossível de serem mensurados, bem como, o silêncio forçado pelo impedimento de expressarem a violência sofrida com medo de sofrerem agressões piores (OMS, 2002 p. 3). Desse modo, existem vários motivos que influenciam a permanência de mulheres em situações de violência, como o medo, a culpa, a vergonha, a incapacidade de agir, que acabam cedendo a chantagem, além disso, sofrem com a possibilidade de ficarem sozinhas. Sobretudo, algumas mulheres justificam a violência numa forma de proteger o agressor e a relação pelo fato da dependência financeira. Segundo Cunha (2007, p.161):

Quanto menos recursos tem uma mulher que sofre violência conjugal, menores são suas possibilidades de abandonar a relação, o que quer dizer que, quanto mais presa a mulher estiver ao casamento, mais obstáculos ela encontrará para terminá-lo.

Compreende que ao se tratar de mulheres em situações de violência outra dependência está relacionada ao olhar do outro. Ao mesmo tempo em que esse olhar delimita as condutas sociais, ele também avalia se tais comportamentos estão dentro do que é aceito socialmente. O que importa na sociedade é agir de forma notável, a fim de conseguir o reconhecimento daqueles que ocupam um lugar de espectador (DEBORD, 1997/2017). Nesse sentido, são fatores predisponentes para os sentimentos de vergonha do que os outros pensariam ao descobrir que vivem nesse contexto, bem como, a angústia em relação ao contexto abusivo do relacionamento.

A partir disso, é possível refletir sobre o que Freud (1914/2000) afirma sobre o sentimento de inferioridade ser resultado de um “eu” empobrecido, que necessita do amor do outro para elevar sua autoestima. Levando em consideração uma pessoa que esteja vivendo em

situação de violência de forma sistemática e repetitiva submetendo-se a essa vivência por demandar o amor do outro a qualquer preço para não se fragilizar ainda mais. Refletiremos então, que mesmo causando sofrimento, pode ser que a partir do momento em que algumas mulheres permanecem em relacionamentos abusivos, a violência, de uma forma ou de outra, acaba sendo, nesse contexto, uma saída para se relacionar.

DISCUSSÃO

O estudo dentro de uma perspectiva psicanalítica apresentou vários conceitos relacionados a constituição da subjetividade do ser humano, bem como, amor, pulsão, perversão, sexualidade, relações pré-edípicas, Édipo e a castração. Esses aportes teóricos serviram de base para nortear alguns apontamentos e interpretações sugeridas em relação ao narcisismo, a dominação masculina, como também, os efeitos do desejo do outro.

O feminino para psicanálise, está relacionado a posição do sujeito no campo da sexualidade. Assim sendo, a intolerância à mulher é tema que tem ocupado um lugar especial no pensamento psicanalítico, desde o seu advento (FUKS, 2007). Tal intolerância tem sido discutida como uma forma de não reconhecimento da alteridade, portanto, sustém-se da mulher a inexistência de um sujeito de desejo privando de narrar sua própria história. Nesse sentido, a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos decorrente do estigma imposto por um predomínio masculino e subjugação feminina em uma sociedade patriarcal, na qual considera a mulher que é casada como uma boa mãe, mulher e dona de casa. Responde assim, a um Ideal tradicional da mulher-mãe, o que não parece indicar algo do seu desejo, mas uma recusa deste.

A questão da violência contra a mulher tem seus efeitos subjetivos que promovem uma trama emaranhada dos motivos que determinam com que algumas mulheres permaneçam em relações conjugais nas quais vivenciam a violência. Além disso, a angústia em perder uma estrutura familiar ideal é muito maior do que se perder enquanto sujeito. Nesse sentido, que a condição de mulher na sociedade faz parte de uma construção social. De acordo Saffioti (1989, p. 15) “as categorias sociais subalternas no Brasil são essencialmente constituídas por mulheres, negros, pobres e crianças, nas quais, hierarquicamente, a mulher negra e pobre está em último lugar”. Por conseguinte, às mulheres, sempre foi reservado um lugar de menor destaque, seus direitos e seus deveres estavam sempre voltados para a criação dos filhos e os cuidados do lar, isto é, uma vida privada.

A construção histórico e sociocultural, a qual delimita o homem com atitudes, práticas e valores machistas estabelecidos como uma de nossas bases culturais em decorrência do patriarcado, produzem efeitos duradouros nas relações sociais contemporâneas, as quais algumas mulheres estão envolvidas pela dominação masculina e pela submissão feminina, decorrente de uma violência masculina, às vezes imperceptível. Além disso, produz um impacto negativo na subjetividade de mulheres em que há uma história de vida marcada eminentemente pelo sofrimento e pela dor de estar subjugada a violência.

A busca do amor incondicional está relacionada ao fato de que essas mulheres dirigiriam uma parte de sua libido para si em busca do amor romântico e idealizado. Nesse ponto, pode-se questionar se as mulheres que insistem em viver situações de violência doméstica fazem isso não porque amam o homem, qual se compadece ou porque deseja mudá-lo, sobretudo, o que desejam é serem amadas, sendo assim uma atitude narcisista.

Freud (1914/2000), quando fala sobre o narcisismo de homens e mulheres refere que, entre as mulheres, a necessidade é de ser amada e não de amar. Como se não admitissem perder o lugar que antes ocupara de ser amada e desejada plenamente. No entanto, a estratégia utilizada para retomar esse amor é se degradando, se submetendo à violência e ao desprezo. Contudo, encontrar vias de novo investimento da pulsão pode promover mudanças subjetivas, uma vez que nela está implicado uma busca de satisfação imediata mesmo que o sujeito desconheça as causas de tal busca. No entanto, paradoxalmente, tal satisfação o conduz ao sofrimento considerando mulheres que escolhem permanecer em um relacionamento abusivo.

A felicidade, portanto, significa liberdade: liberdade para agir conforme os impulsos, para seguir seus próprios instintos e desejo. Esse é o tipo de liberdade que tende a ser eliminada, ou pelo menos, severamente restringida, pelo bem de uma porção de segurança (BAUMAN, 2008, p.57).

Ao longo dessa pesquisa ficou evidente questões constitutivas de uma sociedade patriarcal, a qual atribui a responsabilidade de manutenção do casamento para a mulher, portanto, uma referência importante que se destaca é a ideia do amor romântico, reforçado pelas narrativas do cinema e da televisão como o mito da princesa adormecida a espera do príncipe encantado. Sobretudo, diante dos valores de mulheres inseridas em relacionamentos abusivos é possível reconhecer que esse é o jeito delas amarem, a partir de seus significantes, bem como, determinantes da história de vida dessas mulheres.

A escolha do objeto de amor pode ter influência das relações pré-edípicas, as quais levam as meninas ao objeto masculino, de acordo com o perfil paterno. Freud (1933/2010) afirma “se a menina permaneceu ligada ao pai no Édipo, é provável escolher um parceiro de acordo com o tipo paterno”. Nesse sentido, as vivências familiares influenciam as decisões e escolhas amorosas do sujeito, uma vez que se encontram diretamente fundamentadas em uma representação simbólica, construída pela família, bem como, pelo contexto sociocultural em que esses membros se encontram inseridos. Além disso, a masculinidade encontra-se, socialmente, associada ao poder e à violência, e que a lógica patriarcal ordena às mulheres que se mantenham submissas, dependentes e inferiores, diminuindo suas próprias qualidades e

exaltando às do companheiro, cumprindo assim a expectativa do social (Araújo, 2002; Bandeira, 2008; Saffioti, 1999).

Por fim, reconhecemos que, a visibilidade de um aspecto considerado excepcional para a compreensão acerca da permanência ou retorno de mulheres que sofrem violência por seus companheiros, isto é, a introspecção dos valores e atributos representacionais determinado às mulheres, para além de motivadores externos, como filhos, dificuldades financeiras, entre outros, funcionam como aspecto mais profundo, além disso, como motivação para perpetuação do “Ciclo da Violência”(Walker, 1979). Nesse contexto, as condutas adotadas pela vítima e pelo agressor decorrem e dependem do grau de tensão estabelecido e são previstas nas fases de acumulação da tensão, agressão e a da lua de mel. Por conseguinte, demonstram, com pertinência, que, embora sejam as mulheres e suas posturas referências de passividade, submissão e retração social, há de se considerar a diversidade situacional no que concerne a real existência das relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível reconhecer através dessa pesquisa a relevância do tratamento em psicanálise pelo fato da implicação do sujeito naquilo que ele apresenta como sintoma, o qual é uma manifestação inconsciente, que considera às exigências das instâncias psíquicas. Dessa forma, o papel do analista é propor uma escuta psicanalítica que visa criar condições propícias ao posicionamento do sujeito, isto é, da posição feminina frente às diversas e multivariadas questões que perpetuam o seu contexto na permanência em uma relação na qual sofrem violência.

Nesse sentido, através do manejo do analista proporcionando a possibilidade de elaboração para que essas mulheres percebam sua participação ativa na constituição de seu sintoma ocorridos em seu processo constitutivo, além disso, vincular o que é dito em análise e sua posição subjetiva, desse modo, o analista deve dar condições para que seja feita a retificação subjetiva para apontar a percepção da mulher dentro do relacionamento onde há violência, tirando-a de uma condição de vítima e a posicionando enquanto sujeito do desejo frente à relação. Por conseguinte, a psicanálise as convoca, nesse estudo, para uma posição de inquietação enquanto sujeitos de escolhas; apostando, assim, nas múltiplas possibilidades das posições frente ao relacionamento.

No contexto atual é necessário abordar sobre os relacionamentos abusivos no campo psicológico, na medida em que ele diz respeito a um fenômeno social, político e que é

importante na contemporaneidade. As hipóteses levantadas durante esse estudo foram confirmadas, sendo interessante a promoção de mais espaços de debate pelo fato de ser fundamental reintroduzir a palavra ali onde há violência. A palavra permite o adiamento, a simbolização, dá um contorno, um limite, e os meios para que o sujeito possa pensar permitindo ao sujeito encontrar os meios de sair da repetição que seu sintoma lhe impõe.

Por fim, é essencial dar ênfase as ações afirmativas para combater a violência contra as mulheres reconhecendo as violações vivenciadas pelo gênero feminino que historicamente foi posto em situação de desvantagem e de discriminação. Além disso, demonstrar como uma construção histórica e sociocultural da superioridade masculina sobre o feminino, a qual também afeta negativamente os homens, que são cobrados para não terem fraquezas tornando-se cada vez mais agressivos, conseqüentemente, a cultura patriarcal acarretou violências para ambos os gêneros, á vista disso, ressalta-se a relevância de debates que permitam compreender que as violências contra as mulheres são violações de direitos humanos e, por isso, atingem a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11.
- BANDEIRA, L. A. (2008). Contribuição da crítica feminista à ciência. *Estudos Feministas*, 16(1), 207-230.
- BAUMANN, A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CUNHA, T. R. A. (2007). O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Uesb, p.161.
- DEBORD, G. (1997) A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017
- FERREIRA, Esther de Sena; DANZIATO, Leonardo José Barreira. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso. *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 41, n. 40, p. 149-168, jun. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141362952019000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 out. 2022.
- FREUD, S. (1987) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago. (1892) "Esboços para a comunicação preliminar de 1893", v. 1, p. 165-174.
- FREUD, S. (2010). O mal-estar na cultura. R. Zwick, (Trans.), Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930).
- FREUD. S. (1996) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1905) "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", v.VII, p.128-229.
- _____. (1923) "Organização genital infantil", v.XIX, p.157-161.
- _____. (1924) "A dissolução do complexo de Édipo", v.XIX, p.193-199.
- _____. (1925) "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos", v.XIX, p.277-286. (1931) "Sexualidade feminina", v.XXI, p.233-251.
- _____. (1932) "Conferência XXXIII - Feminilidade", v.XXII, p.113-134.
- _____. (1938) "Esboço de psicanálise", v.XIX, p.15-80 p.
- FUKS, B.B. O pensamento freudiano sobre a intolerância. In: *Psicologia clínica*. Rio de Janeiro, vol.19, n.1. p.59 – 73, 2007.
- GARCIA-ROZAA, L. A. (1984) *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2009.
- GOETHE, J.W. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Guimarães, Veridiana Canezin; Celes, Luiz Augusto M; O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em freud / *Psychic and social factors from a*

metapsychological perspective: the concept of identification in freud Universidade de Brasília. Brasília. BR Psicol. teor. pesqui ; 23(3): 341-346, jul.-set. 2007.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro: Imago, 2008

LACAN, J. (1956-57/1995) *O Seminário 4 - A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1957-58/1999) *O Seminário 5 - As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1958/1998) "A significação do falo", in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.92-703.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4º ed. Rio de Janeiro. LTC, 2019.

MELLO FILHO, J. (1988). Conceção psicossomática: Visão atual. 5a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MORIARTY, Liane (2013). Pequenas grandes mentiras. Rio de Janeiro: Intrínseca, Ed. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. World report on violence and health (Relatório Mundial sobre violência e saúde) / editado por Etienne G. Krug ... [e Outros.]. Genebra: WHO (OMS), 2002.

ROLNIK, S. (1997). Toxicômanos da identidade: Subjetividade em tempo deglobalização. In Lins, D. (Org.), Cultura e subjetividade: Saberes nômades (pp. 19-24). Campinas, SP: Papirus.

SAFFIOTI, H. I. B. (1989). A síndrome do pequeno poder. In M. A. Azevedo & V. N. A. Guerra, (Orgs.), Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder (pp. 13-21). São Paulo: Iglu.

SAFFIOTI, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em Perspectiva, 13(4), 82-91.